



Universidade de Brasília

**FACULDADE UnB PLANALTINA
CIÊNCIAS NATURAIS**

FORMAÇÃO DOCENTE E O FRACASSO ESCOLAR

RONALDO ABADIA DE SOUSA

Planaltina - DF

Junho 2018



Universidade de Brasília

FACULDADE UnB PLANALTINA
CIÊNCIAS NATURAIS

FORMAÇÃO DOCENTE E O FRACASSO ESCOLAR

RONALDO ABADIA DE SOUSA

*Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Banca Examinadora, como
exigência parcial para a obtenção de título
de Licenciado do Curso de Ciências
Naturais, da Faculdade UnB Planaltina,
sob a orientação do Profa. Dra. Olgamir
Amância Ferreira de Paiva.*

Planaltina - DF

Junho 2018

Dedicatória:

Dedico este trabalho a minha linda esposa, minha querida mãe e irmãos e aos amigos e professores que fizeram parte da minha graduação.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus que é a razão de eu ter conseguido dar mais esse passo em minha vida, à minha querida e amada esposa que sempre acreditou em mim e esteve sempre ao meu lado, à minha mãe que lutou muito para que eu sempre pudesse estudar e vai ter o prazer de ver o seu primeiro filho ter um diploma universitário.

Agradeço a todos os funcionários da UnB FUP - Planaltina, professores, diretor, secretários, assistentes sociais e todos aqueles que fazem da FUP um ótimo lugar para estarmos juntos e aprender mais a cada dia.

RESUMO

Este estudo tem como objetivo identificar e analisar qual é a influência da formação docente no fracasso escolar, em turmas de Ciências Naturais do 6º ano, em uma escola de Ensino Fundamental, localizada na cidade de Planaltina – DF. A partir da abordagem qualitativa foram feitas entrevistas com duas professoras de Ciências Naturais, observação das aulas dessas professoras e aplicação de um questionário aos estudantes. Além disso, obtiveram-se junto à escola os resultados escolares dos anos de 2016 e 2017. Os resultados mostram que o índice de aprovação da escola foi superior a 80% no período analisado. As professoras participantes relatam não conseguir aplicar tudo o que aprenderam na licenciatura, mas buscam adotar metodologias alternativas para promover a aprendizagem dos estudantes. Por esse estudo não foi possível afirmar que a formação docente tem influência no fracasso escolar. O referencial teórico sobre a formação docente, bem como reflexões sobre metodologias de aprendizagem foram confrontadas com as questões da realidade apresentadas nas falas das entrevistadas e nos questionários, de forma a identificar relações possíveis entre a formação docente e o fracasso escolar, porém situando esse fenômeno no contexto em que se realiza e outras interferências a que está sujeito.

Palavras-chave: formação docente, fracasso escolar, ciências naturais.

1.

1. INTRODUÇÃO

Durante toda minha vida como estudante pude perceber como os professores eram diferentes na maneira como lecionavam. Enquanto uns simplesmente chegavam à sala de aula e davam o conteúdo já programado, outros conversavam com os estudantes, faziam algumas brincadeiras, falavam um pouco sobre o tema que seria abordado em sala e só depois começavam a aula propriamente dita. Percebi que a maneira como o professor se comporta em sala de aula faz toda a diferença e se ele aguça a nossa curiosidade a aula vai se tornando mais interessante e com certeza aprenderíamos mais, e esses professores seriam aqueles que lembraríamos com mais carinho. Perguntava-me então como professores poderiam ser tão diferentes em sua maneira de lecionar, será que o problema estaria em sua formação? Ou simplesmente foi a forma que eles adotaram por acharem mais eficiente? E em relação a sua prática pedagógica, essa poderia contribuir para o aluno se interessar pelos conteúdos ensinados?

No Brasil muitas são as discussões sobre o fracasso escolar, e muitas pesquisas estão sendo realizadas para tentar solucionar esse problema que ainda é muito grande em nossas escolas, principalmente nas escolas públicas.

De acordo com Patto (1999), é possível perceber que o Fracasso Escolar persiste ao longo da história da escola pública brasileira e parece estar imune às ações já desenvolvidas na tentativa de sua superação. As explicações que se tem utilizado para o mesmo nos meios escolares e na sociedade, em nada têm contribuído para reverter essa situação, pois as explicações baseiam-se em mitos construídos sob forte influência ideológica. Esses mitos já deveriam ter sido superados, mas aparecem, ainda hoje, em trabalhos acadêmicos e na prática pedagógica dos professores como justificativa deste fracasso.

Mas sabemos que esses problemas não são específicos das escolas, mas estão relacionados com vários outros fatores como: condições históricas, culturais, conflitos familiares, sociais e cognitivos, por exemplo. Patto (1999) formulou importantes contribuições no sentido de romper com o estigma de que fracasso é culpa do aluno ou de sua família e alerta para a presença dos determinantes institucionais e sociais na produção do fracasso escolar, do que problemas emocionais, orgânicos e neurológicos, Rompendo, assim, com as visões psicologizantes, ou da carência cultural, que se tornaram comuns nas falas e nas práticas entre os educadores e nas políticas oficiais.

Ao abordar as teorias que buscam explicar o fracasso escolar Helena Sousa (1990), destaca que quase sempre associam esses processos aos alunos. Buscando-se compreender a temática a partir dos seus nexos constitutivos, a autora é enfática ao ratificar a complexidade do fracasso escolar na medida em que envolve as dimensões políticas, históricas, sócio – econômicas ideológicas e institucionais, bem como dimensões pedagógicas em estreita articulação com as concepções que caracterizam os processos e as dinâmicas em que se efetivam as práticas escolares.

Apesar de esses fatores contribuírem para o fracasso escolar, nessa pesquisa iremos focar na formação docente e como ela pode influenciar no fracasso escolar, pois entendemos que o professor tem um papel de suma importância na construção do conhecimento e na formação crítica e transformadora dos seus alunos.

Partindo dessas reflexões, este estudo tem como objetivo analisar a influência da formação do professor sobre o fracasso escolar em turmas de Ciências Naturais dos 6º anos do Ensino Fundamental de uma escola pública localizada na cidade de Planaltina DF.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. Formação docente

A formação docente não está definida apenas a partir do que se aprende na faculdade, tem que levar em consideração todas as observações realizadas pelo professor durante a sua vida como estudante, como os professores foram importantes em sua vida e como os métodos utilizados por eles fizeram despertar a vontade de se tornar um professor e como poderia usar isso em sua sala de aula. Também não podemos deixar de falar das experiências obtidas na sua formação, em seus estágios e de como elas foram importantes para sua forma de lecionar.

Os estudos sobre a formação docente mostram a necessidade de uma nova visão sobre as práticas pedagógicas dos professores. Assim, o professor em sua trajetória profissional, constrói e reafirma seus conhecimentos, levando em consideração a necessidade de sua utilização, suas experiências e seus percursos durante sua formação (NUNES, 2001). A formação de um professor está relacionada também com a sua

formação como cidadão, e o que ele tomou para si, pois, o que é uma verdade para ele com certeza também será ensinado para seus alunos.

Conforme Tardif (2002), os saberes docentes são adquiridos e construídos em um processo contínuo de aprendizagem, em que o professor aprende de forma progressiva e, com isso, se insere e domina o seu ambiente de trabalho. Então não se pode dizer que os saberes docentes são constituídos por um conjunto de conteúdos definidos e imutáveis.

Na concepção de Viega (2006), o professor não pode mais ser aquele que tem uma didática definida com papel de apenas ensinar o conteúdo, ele deve assumir seu papel de mentor e facilitador, deve priorizar e intermediar o acesso do aluno à informação. Assim, suas técnicas devem ser aprimoradas constantemente, e seus métodos e metodologias de ensino, conseqüentemente, devem atender às necessidades que irão surgir durante a sua formação.

Um professor deve estar sempre aberto ao diálogo com seus alunos, pois, assim conseguirá ter um laço de confiança e como consequência a aula se tornará mais agradável e o aprendizado se tornará mais fácil, pois é muito mais difícil aprender quando não se gosta dos professores ou das disciplinas. A esse respeito Araújo (1999) defende que é imprescindível o/a professor/a estabeleça relações nos diálogos e na confiança, abrindo espaços para os conflitos e permitindo o exercício da cooperação.

Nas últimas décadas as discussões sobre os saberes docentes se tornaram objetos de pesquisas no mundo inteiro. Esses estudos surgiram logo após a profissionalização do ensino e dos docentes e reiteramos o fato destes saberes não se limitarem apenas a uma transmissão de conhecimento aos alunos, mas em fatores que são construídos e assimilados com a formação do professor e as experiências vivenciadas por ele, além das habilidades específicas adquiridas com o tempo (CUNHA, 2007; TARDIF, LESSARD, LAHAYE, 1991).

É preciso levar em conta também as mudanças que ocorreram na forma de ensinar a partir do uso das novas tecnologias, os desafios impostos aos professores com as transformações da sociedade e a necessidade de modificar constantemente as práticas e os saberes docentes (VAILLANT; MARCELO, 2012).

Uma identidade profissional se constrói a partir da significação social da profissão, da revisão constante dos significados sociais da profissão e da revisão das tradições. Ela se constrói também através do significado que cada professor, enquanto ator ou autor confere à atividade docente no seu cotidiano a partir de seus valores, de

seu modo de situar-se no mundo, de sua história de vida, de suas representações, de seus saberes, de suas angústias e anseios, do sentido que tem em sua vida o ser professor (PIMENTA, 2002).

2.2. Fracasso escolar

Historicamente, a educação no Brasil foi estabelecida de uma forma desigual em relação às classes dominantes e as classes dominadas, e à medida que o capitalismo foi se consolidando no país, ficou mais forte essa diferença de classe. Conforme Pires (2003, p. 46-47), na sociedade dividida em classes, a educação é utilizada para formar o “[...] homem limitado e cerceado em suas possibilidades de enriquecimento: para o fortalecimento do homem unilateral” Afirma ainda que, tal direcionamento perpassa a escola, pois “[...] Tanto na escola como na vida, a educação burguesa é um instrumento de dominação de classe, tendo seu poder localizado sobretudo na capacidade de reprodução [...] adequadas à reprodução dos interesses e do poder burguês” (PIRES, 2003, p. 47).

Quando o país precisou de uma mão de obra mais especializada, deixando de ser agro exportador e passando a ter mais investimentos na indústria, por exemplo, as escolas começaram a ter um caráter técnico, preparando as pessoas das classes mais baixas para o trabalho operário nas indústrias, enquanto os filhos daqueles que tinha mais capital estudavam em escolas que lhes dariam diplomas mais especializados e mais valorizados pela sociedade como os cargos de gestão. Em suma, percebemos, dentro do processo histórico de institucionalização da escola pública, que esta sempre foi vista como instrumento para manutenção da dominação, sendo possível confirmar tal tese, partindo da afirmação de Frigotto (1996, p. 44), que “[...] A escola é uma instituição social que mediante suas práticas no campo do conhecimento, valores, atitudes e mesmo por sua desqualificação, articula determinados interesses e desarticula outros [...]”. Aludimos que, mesmo antes do capitalismo ser estabelecido como modo de produção a pedagogia educacional mantinha as classes populares afastadas da ciência. Atualmente, com a completa hegemonia capitalista, a educação é utilizada para a obtenção de *pseudos* investimentos, os quais podem ser considerados puramente como empréstimos que mantêm a subordinação.

Nesse sentido, Marx e Engels (2004, p.10) indicam que “o sistema de ensino capitalista objetiva reproduzir o sistema dominante, tanto em nível ideológico, quanto

técnico produtivo”, e isto explica a existência da escola dual, determinada pela classe social que a frequenta, bem como o porquê da diferenciação existente nas atividades desenvolvidas no âmbito da escola capitalista.

Alguns estudiosos da época tinham a teoria de que uma pessoa de classe baixa não teria a capacidade de ter o conhecimento para realizar trabalhos que fossem mais elitizados, que exigiria uma maior compreensão das coisas. Algumas escolas só ensinavam o que era melhor para as classes dominantes, fazendo com que a classe operária fosse privada de ter liberdade de pensamento e de ter a compreensão sobre tudo o que acontecia ao seu redor, e como o que era ensinado para eles era fragmentado, a classe dominante poderia exercer o seu domínio com mais eficiência.

A teoria da carência cultural postula que o fracasso escolar ocorre devido à deficiência ou privação cultural do aluno em decorrência das suas precárias condições de vida. Essa teoria incentivou o desenvolvimento de projetos de educação compensatória no Brasil, contribuindo para o “aprofundamento da má qualidade da escola que se oferece ao povo, na medida em que justifica um barateamento do ensino que acaba realizando a profecia segundo a qual os pobres não têm capacidade suficiente para o sucesso escolar” (Patto, 1997, p. 47).

A necessidade de se apropriar da atividade intelectual e das técnicas refinadas de produção passou a compor o rol da divisão social do trabalho e, neste sentido, a classe dominante passou a compreender a Educação como elemento fundamental para a manutenção da desigualdade social, uma vez que os conhecimentos científicos e tecnológicos passaram a ser compreendidos como, cada vez mais necessários para o desenvolvimento do sistema produtivo (SOARES, 2003; TONET, 2005).

Com isso as escolas reproduziam um alto índice de fracasso escolar, pois as pessoas não tinham muito incentivo para permanecer nelas, pois as organizações escolares estavam voltadas para atender as expectativas das classes dominantes, e as classes populares não se reconheciam nela. Além disso, como a vida na sociedade era muito difícil, muitos abandonavam escola para trabalhar, e como os pais não tiveram muitos estudos, também não incentivavam os seus filhos.

Isso mostra como os fatores sociais e políticos podem influenciar no índice de fracasso escolar no nosso país, pois quem mora na periferia e está rodeado de violência, sem saneamento básico, sem local para o lazer, terá muito mais dificuldades para realizar o seu trabalho do que uma escola que está localizada no centro, onde o Estado se faz presente dando recurso para trabalhar e onde a comunidade escolar tem a clareza

de que só com educação de qualidade os seus filhos poderão ter um futuro vitorioso. Conforme afirma Queroz (2011):

A evasão escolar que não é um problema restrito apenas a algumas unidades escolares, mas é uma questão nacional que vem ocupando relevante papel nas discussões e pesquisas educacionais no cenário brasileiro, assim como as questões do analfabetismo e da não valorização dos profissionais da educação, expressa na baixa remuneração e nas precárias condições de trabalho. Devido a isso, vêm preocupando – se com as crianças que chegam à escola, mas que nela não permanecem (p.02).

O fracasso escolar é um fenômeno que está presente em nossas escolas há muito tempo, principalmente nas escolas públicas, e apesar de muitas tentativas, poucas são as soluções eficazes para resolver esse problema. É preciso que os envolvidos no processo pedagógico reflitam sobre os elementos históricos que ajudam a compreender esse fenômeno e as relações existentes com os condicionantes sócio-econômico-político e culturais.

A escola brasileira não está descolada da realidade existente de uma determinada sociedade organizada em classes sociais e que reflete as contradições nela presentes.

Nesse sentido, Nagel afirma:

A escola não pode esperar por Reformas Legais para enfrentar a realidade que lhe afoga. Além do mais, a atitude de esperar "por decretos" [...] reflete o descompromisso de muitos e a responsabilização de poucos com aquilo que deveria ser transformado. A escola tem uma vida interior que, sem ser alterada por códigos legislativos, pode trabalhar com o homem em nova dimensão, bastando para isso que seus membros se disponham a estabelecer um novo projeto de reflexão e ação (NAGEL, 1989, p.10).

Quase sempre quando ouvimos falar sobre fracasso escolar ele está relacionado ao estudante, como ele é indisciplinado e não se interessa pelo que é ensinado. Quase não vemos o fracasso escolar relacionado à escola, ao professor ou à formação docente, como essa formação pode afetar o aprendizado do estudante, ou em relação às condições estruturais em que esses estudantes estão sendo expostos, além do comprometimento dos professores em fazer com que seus alunos aprendam e tenham uma educação de qualidade, ou mesmo os fatores que são externos à escola.

Segundo Azevedo (2011, p.05), o problema da evasão e da repetência escolar no país tem sido um dos maiores desafios enfrentados pelas redes do ensino público, pois as causas e consequências estão ligadas a muitos fatores como social, cultural, político e

econômico, como também a escola onde alguns professores têm contribuído a cada dia para o problema se agravar, diante de uma prática didática ultrapassada.

Fatores como a má qualidade do ensino proposta pelo governo, a relação familiar que às vezes é muito conturbada, a necessidade de trabalhar para ajudar na renda familiar dentre outros.

Em sua pesquisa, Campos (1995, p. 116) observou também que o trabalho aparece como atividade mais importante na vida das famílias pesquisadas. Assim, alguns pais diante da dificuldade financeira, se conformam quando os filhos abandonam os estudos principalmente se for para trabalhar e ajudar a família.

Não podemos deixar de falar da assistência governamental que também tem um papel importante, por não propiciar uma condição aceitável para que todo que trabalham na escola, como os professores, diretores, coordenadores e merendeiros, por exemplo, possam fazer o seu melhor para os alunos, deixando a escola mais atrativa, fazendo com que eles possam ter mais interesse em permanecer estudando.

Ora responsabilizar os professores do magistério pelas mazelas da escola pública é basicamente injusto, pois eles próprios “são produtos de uma formação insuficiente, porta-vozes da visão de mundo de classe hegemônica e vítimas da desvalorização profissional e de uma política educacional burocrática, tecnicista e de fachada” (PATTO, 1997, p.289).

De acordo com Meneses (2011):

O problema da evasão escolar é uma questão que tem raízes históricas, associando – se a uma política impostas pelas elites, na qual pesam sucessivas intervenções do governo na mudança do sistema escolar (p.11).

Como podemos perceber o tema fracasso escolar precisa ser analisado por uma grande variedade de vertentes, pois várias são as hipóteses para tentar explicá-lo, e várias são as possíveis soluções para combatê-lo. Ciente dessa complexidade de fatores envolvidos no fracasso escolar, nesse trabalho a formação docente foi definida como aspecto a ser investigado para essa compreensão.

3. OBJETIVOS

3.1. Objetivo Geral

Analisar qual a influência da formação docente sobre o fracasso escolar, em turmas de Ciências Naturais dos 6º anos de uma escola de ensino fundamental, localizada na cidade de Planaltina – DF.

3.2. Objetivos Específicos

- Identificar os índices de reprovação e evasão escolar no período de 2016 e 2017;
- Construir o perfil dos discentes do 6º ano e dos docentes de Ciências Naturais dos 6º anos de uma escola de ensino fundamental, localizada na cidade de Planaltina – DF;
- Identificar as metodologias de aprendizagens em Ciências Naturais, mais recorrentes no cotidiano dessa escola;

4. METODOLOGIA

A metodologia que será utilizada nessa pesquisa será o materialismo histórico dialético como procedimento de forma qualitativa o estudo de caso.

Criado por Karl Marx (1818 – 1883) e Friedrich Engels (1820 – 1895), o materialismo histórico e dialético tem como enfoque a teoria, a metodologia e a análise, para tentar compreender as grandes mudanças da história e da sociedade humana.

O materialismo é a condição material da existência humana, o termo histórico é a compreensão da humanidade e seus fatores históricos, já o termo dialético é a mudança da contradição produzida na própria história. Segundo. O materialismo histórico é a ciência filosófica do marxismo que estuda as leis sociológicas que caracterizam a vida da sociedade, de sua evolução histórica e da prática social dos homens, no desenvolvimento da humanidade. O materialismo histórico significou uma mudança fundamental na interpretação dos fenômenos sociais que, até o nascimento do marxismo, se apoiava em concepções idealistas da sociedade humana. Para Triviños (1997. P. 51) “o materialismo histórico é a ciência filosófica do marxismo que estuda as leis sociológicas que caracterizam a vida da sociedade, de sua evolução histórica e da prática social dos homens, no desenvolvimento da humanidade”.

O materialismo histórico já entende que os verdadeiros fundamentos da sociedade são sócio-econômicos. Dessa forma quem realiza a história seriam os partidos políticos, os agrupamentos humanos etc. e tudo que venha a produzir transformações importantes nos fundamentos materiais dos grupos sociais (TRIVIÑOS, 1987. p. 51-52).

Quando se realiza uma pesquisa utilizando como metodologia o materialismo histórico, é preciso levar em consideração a história do ser e seus determinantes históricos, políticos, econômicos e culturais, considerando a realidade social que está presente em vários momentos, e que são realidades muito complexas para ser consideradas. Nesse sentido, ao analisarmos o fracasso escolar procuramos situá-lo historicamente, identificar o contexto educacional em que ele ocorre rompendo com o recorrente entendimento que o fracasso escolar é responsabilidade da posição que o estudante assume no processo ensino aprendizagem.

Sendo assim, buscaremos entender como a formação docente contribui para o fracasso escolar, tendo em vista que a maneira com que o professor se comporta em sala de aula e o seu comprometimento em ajudar os seus alunos a se tornarem críticos pode ter um valor muito importante para aumentar ou reduzir o fracasso escolar.

As pesquisas que têm o foco materialista buscam uma forma para transformar a sociedade, de modo que consiga uma conexão entre os aspectos que determine a realidade, e faça com que a situação investigada possa ter uma visão e uma perspectiva de totalidade, além de ter um estudo contínuo de sua teoria, pois elas têm como foco a história do fenômeno estudado, e como o conhecimento histórico é parcial, relativo e provisório é preciso sempre está revisando e reconstruindo esse conhecimento.

A pesquisa foi realizada em uma escola de Ensino Fundamental, que está localizada em um bairro da periferia da cidade de Planaltina – DF, com 02 professores e 123 alunos do 6º ano. O local onde a escola está inserida é considerado violento, com alto índice de consumo e tráfico de drogas. Somado a estes fatores não há muitos locais para o lazer, a não ser uma quadra de futebol.

A metodologia utilizada foi abordagem qualitativa na forma de um estudo de caso. “Estudo de Caso: é uma forma de se fazer pesquisa empírica que investiga fenômenos contemporâneos dentro de seu contexto, que não estão claramente estabelecidas, onde se utiliza múltiplas fontes de evidências” (YIN, 2005, p. 32).

O estudo de caso pode abranger análise de exames de registros, observações de acontecimentos, entrevistas estruturadas e não estruturadas ou qualquer outra técnica de pesquisa. Seu objeto de pesquisa pode ser um indivíduo, um grupo, uma organização,

um conjunto de organizações ou, até mesmo, uma situação. O conhecimento gerado pelo estudo de caso é diferente do de outros tipos de pesquisas porque é mais concreto, mais contextualizado e mais voltado para a interpretação do leitor.

Gil (2009) aponta alguns propósitos dos estudos de caso: 1) explorar situações da vida real cujos limites não estão claramente definidos; 2) preservar o caráter unitário do objeto estudado; 3) descrever a situação do contexto em que está sendo feita uma determinada investigação; 4) formular hipóteses ou desenvolver teorias e 5) explicar as variáveis causais de determinado fenômeno em situações complexas que não permitam o uso de levantamentos e experimentos.

Segundo Yin (2005, p. 212), o uso do estudo de caso é adequado quando se pretende investigar o como e o porquê de um conjunto de eventos contemporâneos. O autor assevera que o estudo de caso é uma investigação empírica que permite o estudo de um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos.

Também será usada a observação participante, pois desde o primeiro momento que o observador chega ao local da pesquisa já está acontecendo a observação, e continua depois quando ele começa a coletar os dados de seu interesse seja através de questionário, entrevista ou mesmo com a análise documental. Para Denzin (1978 Apud LUDKE e ANDRÉ, 1986, p.28),

A observação participante é “uma estratégia de campo que combina simultaneamente a análise documental, a entrevista de respondentes e informantes com a participação e a observação direta juntamente com a introspecção”.

Já a entrevista semi-estruturada se desenvolve a partir de um roteiro básico e é um dos métodos mais utilizados em uma pesquisa que tem como metodologia o estudo de caso. Segundo Triviños (1987, p. 141).

A entrevista semi-estruturada tem como característica questionamentos básicos que se apoiam em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa, sendo que o foco principal seria estabelecido pelo investigador – entrevistador.

Em uma entrevista semi-estruturada, mesmo com algumas perguntas já estabelecidas, o desenvolvimento se dará a partir de como serão as respostas dos

entrevistados, sendo assim não se pode afirmar que a entrevista será de uma forma já estabelecida pelo entrevistador. Nesse sentido, foram realizadas entrevistas com os professores para tentar construir o perfil dos docentes e identificar as suas metodologias mais utilizadas.

Também foi utilizado um questionário aplicado aos estudantes para saber a opinião deles sobre o motivo da reprovação ou de se evadirem da escola. O questionário é um instrumento de investigação que tem como objetivo recolher informações dos participantes. Geralmente é aplicado em grupos de pessoas e abrange um tema de interesse para os investigadores. A utilização de um questionário é bastante útil para poder investigar uma situação, e quando se dispõe de pouco tempo para realizá-la, pode-se alcançar um número maior de pessoas.

Existem três tipos de questionário: os que têm respostas abertas e permitem que os participantes tenham mais liberdade de se expressar e permitem que a resposta seja com suas próprias palavras. O questionário de resposta fechada, só permite que a pessoa que está respondendo apenas escolha uma das respostas que são apresentadas, e isso não mostrará realmente o que o entrevistado pensa de verdade. Nessa pesquisa foi utilizado o questionário semi-estruturado, pois, ele é uma mescla das duas formas anteriores e com ele pode-se obter uma visão do que o entrevistado está realmente pensando.

4.1. COLETA DOS DADOS

Este trabalho foi realizado em todas as turmas de 6º anos de uma escola pública, localizada na periferia da cidade de Planaltina- DF, e contou com a colaboração de 123 estudantes e dois professores de ciências.

No primeiro contato com a diretora, ela foi bastante receptiva, assim como todas as pessoas que lá trabalham, como o pessoal da coordenação e da secretaria. A diretora deu acesso a todas as informações de aprovação e reprovação que foram solicitadas e autorizou o secretário a disponibilizá-las.

O contato com os professores também foi muito bom, elas estavam sempre dispostas a ajudar e aceitaram muito facilmente participar da pesquisa. Foi acordado com eles que seria feita uma observação de suas aulas, em todas as turmas em que seria

feita a pesquisa, e também que seria feita uma entrevista com os professores e que seria aplicado um questionário aos estudantes.

Então, somente após as observações é que foram aplicados os questionários aos estudantes, o qual era composto por 12 questões fechadas e 7 questões abertas (Anexo 1). A primeira parte do questionário estava relacionada ao perfil do estudante como: idade, sexo, se morava perto da escola, entre outras. A segunda parte estava relacionada a questões educacionais como: qual aula gostava mais, se gostava da aula de ciências, o que mudaria em sua escola e uma sugestão para melhorar as aulas de ciências por exemplo. Os estudantes demoraram cerca de quinze minutos para responder o questionário, tempo que foi disponibilizado pelos professores de ciências naturais no início de suas aulas.

O roteiro de entrevista com os professores era composto por 16 tópicos (Anexo 2), e os mesmos estiveram muito solícitos em responder. Para a apresentação dos resultados os professores serão identificados como professor A e professor B.

5. RESULTADOS

PERFIL DA ESCOLA

Analisando os dados disponibilizados pela secretaria da escola, foi possível fazer as Tabelas 1, 2 e 3 que mostram os indicadores de rendimentos da escola em geral, rendimento de todos os 6º anos e rendimentos só da disciplina de Ciências Naturais.

Tabela 1 - Indicadores de Rendimentos Gerais da Escola

	2016		2017	
	Quantidade	%	Quantidade	%
Aprovação	716	81	694	82
Reprovação	112	13	108	13
Abandono	59	06	43	05
Total	887	100	845	100

Observamos que mesmo com o número de estudantes tendo diminuído de um ano para o outro, os índices de aprovação, reprovação e abandono escolar continuaram

bem parecidos de um ano para o outro, com resultados de aprovação superiores a 80%. Se considerarmos que o fracasso escolar integra tanto os casos de reprovação quanto de abandono escolar, tem-se que o índice de fracasso na escola analisada, nos anos de 2016 e 2017, é respectivamente de 19% e 18%.

Tabela 2 - Indicadores de Rendimentos em Ciências Naturais

	2016		2017	
	Quantidade	%	Quantidade	%
Aprovação	234	79	183	74
Reprovação	42	14	41	17
Abandono	22	07	23	09
Total	298	100	247	100

Notamos que quando analisamos os indicadores de Ciências Naturais, o número de estudantes reprovados e que abandonaram é um pouco maior do que os resultados gerais da escola.

Tabela 3 - Rendimentos dos 6º anos no ano escolar de 2017

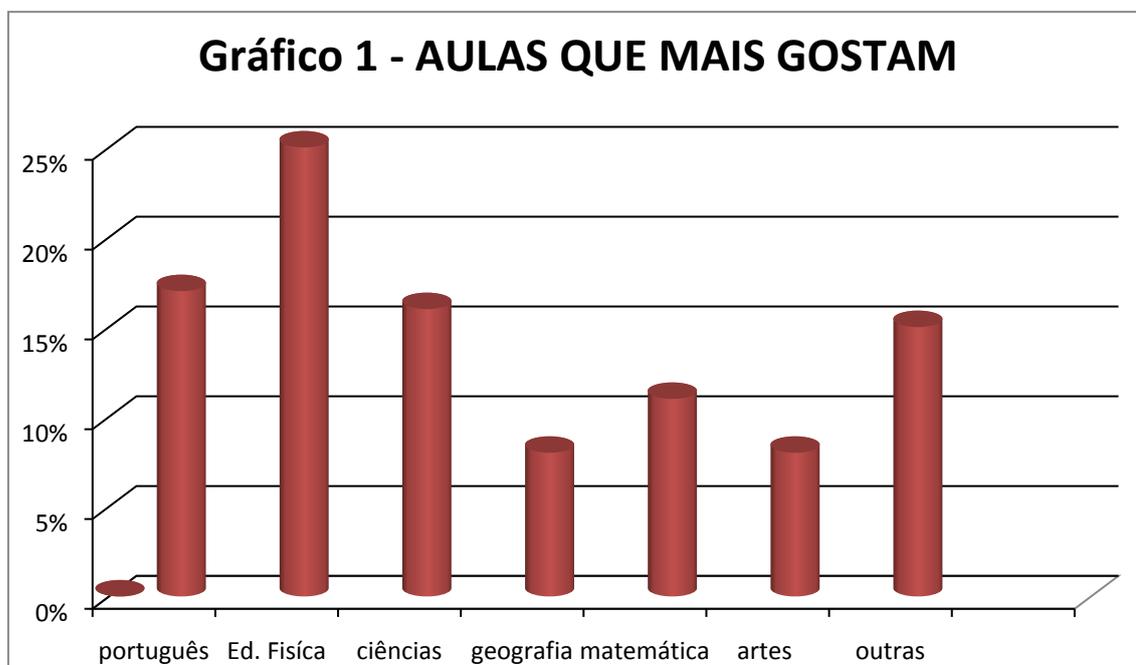
Turmas	AP Final	Aprovados	Dependência	Reprovados	Abandono
6º A	31	26	05	00	00
6º B	32	25	07	00	00
6º C	26	16	10	04	00
6º D	20	10	10	05	01
6º E	15	11	04	08	00
6º F	17	11	06	07	00
6º G	18	13	05	00	04
6º H	07	04	03	08	03
6º I	10	06	04	07	06
6º J	07	02	05	02	09
Total	183	124	59	41	23

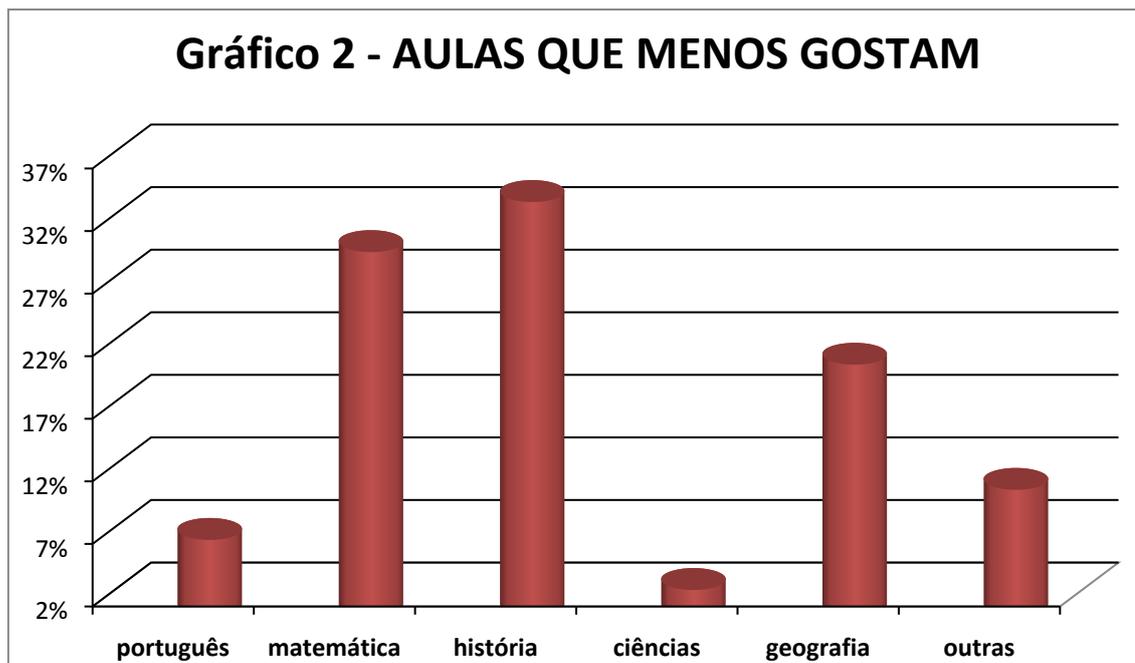
Para a análise dos resultados escolares dos 6º anos serão utilizados apenas os dados do ano de 2017, pois as professoras começaram a trabalhar na escola nesse período. Cada uma delas lecionou em três turmas, a professora A lecionou nas turmas F, H e J, enquanto a professora B lecionou nas turmas A, B e C. Assim poderemos observar qual foi o percentual de aprovação e reprovação escolar nas turmas de cada uma, lembrando que o abandono escolar também será considerado como reprovação.

PERFIL DOS ESTUDANTES

Analisando os dados que foram coletados através do questionário que foi aplicado aos estudantes foi possível identificar um perfil destes estudantes. A idade deles variava entre 11 e 14 anos, sendo que 55% tinham 11 anos e 3% tinham 14 anos. A maioria (53% dos estudantes) é do sexo masculino. Em relação à época de matrícula na escola em que a pesquisa foi realizada, 86% deles se matricularam na escola em 2018. A grande maioria dos estudantes (65%) mora perto da escola, sendo que 69% vão a pé e 18% vão de carro. Sobre o acesso e uso da internet, 79% deles têm internet em casa e 67% fazem as suas pesquisas usando a internet, enquanto 33% usam o livro.

As aulas que os estudantes mais gostam e as aulas que menos gostam estão demonstradas nos gráficos 1 e 2.





Em relação aos conteúdos de ciências, 64% dos estudantes gostam deles, 4% disseram que não gostam e 32% falaram que às vezes gostam. Sobre a importância dos conteúdos 95% relataram que consideram muito importante os conteúdos de ciências, apenas 1% disseram que não gostam e 4% só acham importantes às vezes. Observamos que 11% dos estudantes afirmaram que têm algum tipo de ajuda em casa para realizar tarefas escolares, 68% disseram que só algumas vezes têm algum tipo de ajuda, e 21% não tem nenhuma ajuda em casa para realizar estudos e tarefas escolares. Uma pequena parte de 11% estuda sempre além da sala de aula, já os que nunca estudam são 15% dos estudantes, e 74% falaram que só estudam às vezes os conteúdos fora da sala de aula. Os estudantes que afirmaram usar os conteúdos que aprendem na escola em seu cotidiano foram de 27%, os que nunca utilizaram foram de 4%, e os que utilizam somente de vez em quando são de 69% dos estudantes.

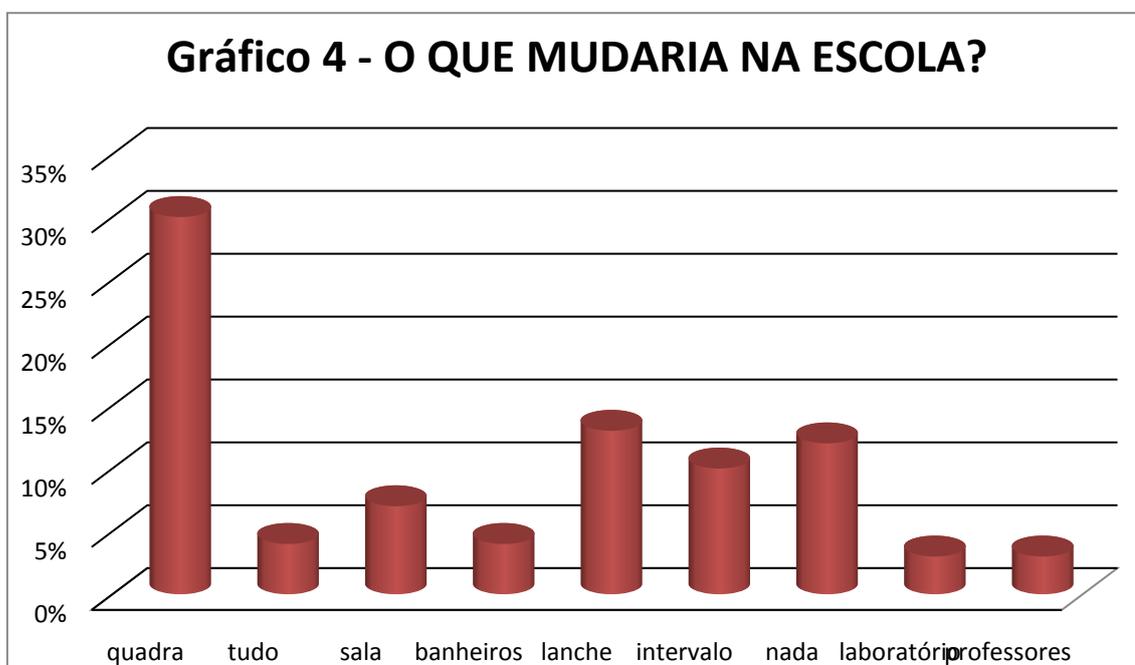
Em relação aos trabalhos em grupo, 88% dos estudantes afirmaram que gostam de trabalhos dessa forma, e que acham muito bom para assimilar os conteúdos que são abordados em sala de aula.

Sobre as sugestões dos estudantes para melhorar as suas aulas de ciências, elas serão demonstradas no gráfico 3 a baixo:



Em relação ao o que melhorar nas aulas de ciências, os estudantes também sugeriram: ter gincanas, usar a internet, trocar a professora, não ter aula, que os alunos prestassem mais atenção nas aulas, mais respeito com os professores e que suas dúvidas fossem todas sanadas.

E sobre o que mudariam em sua escola, os estudantes citaram uma variedade de opções, mas vamos demonstrar algumas no gráfico abaixo.



Além disso, os estudantes também sugeriram ter um refeitório, trocar a direção, plantar mais árvores na escola, ter mais segurança, ter uma sala temática,

aumentar o tempo de intervalo, ter mais aulas, mais respeito aos professores, trabalhar com reciclagem, ter menos bagunça nas salas de aulas e não ter que usar somente jeans.

PERFIL DOS PROFESSORES:

PROFESSORA A, com idade entre 20 a 30 anos, do sexo feminino, com tempo de atuação profissional entre 1 a 5 anos, graduada em Licenciatura em Ciências Naturais e Licenciatura em Pedagogia, atua nessa escola desde 2017, moradora da cidade de Planaltina-DF, ingressou na escola por contratação temporária, afirmou que nem sempre pensou em ser professora.

Para ela a sala de aula é um ambiente de ensino e aprendizado mútuo, tanto para os estudantes quanto para os professores, relatou que as condições de trabalho são boas, mas seriam melhores se o acesso ao laboratório de ciências e de informática fosse normalizado.

Ela vê seus alunos como pessoas que precisam muito de direcionamento, e acha que a relação professor-aluno deve ser baseada no respeito, avalia que os fatores que mais contribuem para a aprendizagem dos estudantes são: aulas didáticas, exercícios que envolvam o cotidiano do estudante e deve ter bastante atenção com as limitações de cada um deles.

A professora avalia que a metodologia utilizada pelo professor interfere muito na aprendizagem do estudante. E afirmou que realiza atividades em grupo uma vez por bimestre e atividades em duplas com mais frequência.

Ela observou que durante a sua formação as metodologias pedagógicas que mais a marcaram foram: a tradicional que trabalhou em seus estágios, mas a que mais chamou a sua atenção foi à pedagogia de projetos. Ela organiza as suas aulas através de planos de aula esquematizados e que essas aulas não são semelhantes a que experimentou como estudante, e que considera que era muito mais complicada e trabalhosa.

As metodologias mais utilizadas por ela são: aulas expositivas, debates, estudos dirigidos e práticas (em sala), os recursos didáticos são: livros, textos científicos (linguagem simples), reportagens e internet. Relatou que não consegue aplicar tudo o que gostaria e que aprendeu em sua graduação.

Não usa o laboratório de ciências, pois ele está desativado, mas às vezes consegue ter acesso a alguns materiais do laboratório e acha muito significativo

permitir que o estudante tenha uma noção mais ampla dos conteúdos, mas consegue utilizar a sala de vídeo e a área verde da escola com mais frequência.

Considera que as maiores dificuldades de ser um professor nessa escola seria a falta de recursos e espaços para aulas práticas, mas nota que muitos estudantes se interessam pelos conteúdos e fazem pesquisas por conta própria usando a internet.

PROFESSORA B, com idade entre 30 a 40 anos do sexo feminino, atua como professor entre 6 a 15 anos, graduada em Licenciatura em Ciências Naturais e tem uma pós-graduação, atua nessa escola desde 2017, por contratação temporária, e não pensava em ser professora. Mas a sala de aula é para ela um aprendizado e um desafio, considera que as condições de trabalho são boas, mas são desgastantes e exigentes.

Considera que seus alunos são como pessoas que precisam muito de novos conhecimentos e acha que a relação professor-aluno influencia muito no desempenho deles, e que a compreensão e uma relação amigável são fatores que contribuem para uma boa aprendizagem.

Realiza atividades em grupo semanalmente e avalia que a metodologia utilizada pelo professor interfere muito na aprendizagem dos conteúdos abordados em sala de aula. Ela teve a oportunidade de trabalhar com muitas metodologias pedagógicas, mas não consegue apontar que mais marcou a sua formação, ela utiliza círculo, perguntas e respostas, experimentos, atividades do livro e trabalhos em grupos como metodologias, e livros, data show e jogos como recursos didáticos.

Não consegue aplicar tudo o que aprendeu em sua graduação em sala de aula devido ao pouco tempo de aula e a falta de recursos na escola, não consegue usar o laboratório de ciências, pois o mesmo está interditado, mas consegue usar o pátio da escola e a área verde, para fazer um trabalho diferente em suas aulas. Considera que a falta de ter um laboratório é a maior dificuldade de ser um professor de ciências nessa escola, mas observa que muitos estudantes buscam aprender mais sobre os conteúdos abordados por conta própria, usando sempre a internet como meio de pesquisa.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise dos resultados obtidos nesse estudo algumas considerações podem ser feitas. Em relação aos índices de reprovação e evasão escolar no período de 2016 e 2017 foi possível identificar que os indicadores de rendimento geral da escola mostram que o índice de aprovação foi superior a 80%, enquanto o índice de evasão escolar foi de 18%. Mas quando analisamos o rendimento dos estudantes em Ciências Naturais constata-se que os números de reprovação e abandono escolar são maiores, com média de 36% nos anos de 2016 e 2017. Além disso, se analisarmos o rendimento somente nos 6º anos, no ano escolar de 2017, o índice de reprovação é de 15% dos estudantes matriculados.

Em relação ao perfil dos estudantes do 6º ano é importante destacar que a idade deles varia entre 11 e 14 anos de idade, indicando que existem estudantes que estão fora da faixa etária adequada, a maioria é do sexo masculino (53% dos estudantes), mesmo tendo ampliado a presença das mulheres na educação, neste caso específico elas representam a minoria, e 86% deles se matricularam na escola em 2018, ou seja, é o primeiro ano de estudo na escola em que a pesquisa foi realizada. A grande maioria dos estudantes mora perto da escola (65%) e vão a pé para a escola (79%), como a escola esta localizada em um bairro popular e periférico, isso indica que os estudantes também são desse mesmo grupo social, sendo que 79% deles disseram ter internet em casa, e a usa como meio de pesquisa para estudar (67%).

Já em relação ao perfil das professoras do 6º ano, um primeiro aspecto a destacar é que há uma diferença de idade entre elas, a professora A tem idade entre 20 e 30 anos e a professora B tem idade entre 30 e 40 anos. Entretanto, de modo comum, ambas são licenciadas em Ciências Naturais, sendo que a professora B tem uma pós-graduação e as duas atuam na escola desde 2017, por contratação temporária. Mas isso não pode ser tratado como indicador de qualidade de trabalho, entretanto é reveladora da descontinuidade de processos pedagógicos e de construção de identidade e pertencimento com a escola, tendo em vista a fragilidade dos vínculos e interrupções a que estão sujeitos.

Além disso, a partir das entrevistas realizadas com as docentes notamos que ambas concordaram que a relação professor-aluno tem muita influência no desempenho dos estudantes em sala de aula.

A relação educador-educando não deve ser uma relação de imposição, mas uma relação de cooperação, de respeito e de crescimento. O aluno deve ser considerado como um sujeito interativo e ativo no seu processo de construção de conhecimento, sendo que o educador assume um papel fundamental nesse processo, como um indivíduo mais experiente. Por essa razão cabe ao professor considerar também, o que o aluno já sabe, sua bagagem cultural e intelectual, para a construção da aprendizagem. Para pôr em prática o diálogo o educador não deve colocar-se na posição de detentor do saber, deve antes colocar-se na posição de quem não sabe tudo, reconhecendo que mesmo um analfabeto é portador do conhecimento mais importante: o da vida (GADOTTI, 1999, p.2).

Desta maneira, o aprender se torna mais interessante quando o estudante se sente competente pelas atitudes e métodos de motivação em sala de aula, pois o prazer em aprender não é uma atividade que surge espontaneamente nos alunos.

Em relação às metodologias de aprendizagens em Ciências Naturais e aos fatores que consideram contribuir para a aprendizagem dos estudantes, as duas professoras têm posições diferentes. Enquanto a professora A considera que o que contribui para a aprendizagem, são aulas didáticas, exercícios que remetam ao cotidiano dos estudantes e atenção às limitações de cada estudante, a professora B avalia que ter uma relação amigável e ter compreensão é que contribuem. Ainda assim, as duas concordaram que a metodologia utilizada pelo professor interfere na aprendizagem dos conteúdos trabalhados em sala de aula.

De acordo com a concepção de Veiga (2006), no processo de ensino é importante que o professor defina as estratégias e técnicas a serem utilizadas. Uma estratégia de ensino é uma abordagem adaptada pelo professor que determina o uso de informações, orienta a escolha dos recursos a serem utilizados, permite escolher os métodos para a consecução de objetivos específicos e compreende o processo de apresentação e aplicação dos conteúdos. Já as técnicas são componentes operacionais dos métodos de ensino, têm caráter instrumental uma vez que intermediam a relação entre professor e aluno, são favoráveis e necessárias no processo de ensino-aprendizagem.

Quando perguntadas sobre com que frequência realizavam atividades em grupo, também houve uma diferença, a professora A relatou que realiza uma vez no bimestre, enquanto a professora B realiza esse tipo de atividade pelo menos uma vez por semana.

Acredita-se que com o trabalho em grupo o estudante pode passar a desenvolver o respeito para com os demais, saber expor e a ouvir opiniões contrárias à sua e a desenvolver sua capacidade intelectual, ajudando também a desenvolver características como a de cooperação, responsabilidade e interação dentro da turma. Além disso, estudantes que possuem mais dificuldades nas disciplinas acabam muitas vezes tendo mais facilidades de sanar as suas dúvidas com os colegas. Saindo a figura do professor como o único detentor do conhecimento, e entra a do colega que tem a mesma idade, podendo fazer com os estudantes percam a vergonha de perguntar quando tiverem dúvidas, as trocas de experiências e de conhecimento e o estímulo à criatividade, ajudam no processo de aprendizagem dos estudantes.

Veiga (2000) trata da importância da interação na escola para o processo de ensino e aprendizagem, passando pelos campos psicológicos ou afetivos.

Nos grupos formados com objetivos educacionais, a interação deverá estar sempre provocando uma influência recíproca entre os participantes do processo de ensino, o que permite afirmar que os alunos não aprenderão apenas com o professor, mas também através da troca de conhecimentos, sentimentos e emoções dos outros alunos (Veiga, 2000, p. 103).

Analisando os dados obtidos nesta pesquisa, observamos que a maioria dos estudantes (88%) gostam de atividades em grupo, e isso ficou bem claro através das falas dos estudantes, que falaram que as aulas da professora B eram muito boas e demonstravam muito entusiasmo quando se referiam a professora que realiza este tipo de atividade pelo menos uma vez por semana. Por outro lado, os estudantes reclamaram do fato da professora A não realizar atividades em grupo com mais frequência, corroborando o que ela relatou que só realiza esse tipo de atividade uma vez no bimestre.

Ambas as professoras afirmaram que não conseguem aplicar, no cotidiano de trabalho na escola, tudo o que aprenderam em suas graduações, alegando que é por falta de recursos. A esse respeito citaram a falta de um laboratório de ciências como uma das maiores dificuldades de ser um professor nessa escola.

Quando perguntadas se os estudantes se interessavam pelos temas abordados em sala de aula e se eles buscavam aprender mais sobre esses temas sem ser no livro didático, as duas professoras concordaram que sim, que eles buscavam principalmente pela internet. Por outro lado, 75% dos estudantes afirmaram que somente às vezes

estudam em casa e somente 10% relataram que estudam sempre além da escola para aprender mais sobre os conteúdos abordados em sala de aula.

Percebemos também que houve uma diferença nos índices de aprovação e reprovação de cada professora. A professora A (que lecionou para as turmas F, H e J) teve um índice maior de reprovação que a professora B (que lecionou para as turmas A, B e C). Segundo relato das professoras, as turmas F, H e J, apesar de reduzidas em termos do número de alunos, eram turmas compostas em sua maioria por alunos com histórico de reprovação escolar, aspecto que traz mais desafios aos professores. As duas docentes relataram que não conseguem aplicar, no dia a dia, tudo o que aprenderam na graduação devido à falta de tempo e de recursos na escola, além do fato de o laboratório de ciências estar desativado. Ainda assim foi possível observar que as duas professoras buscam adotar metodologias alternativas como experimentos, círculos, debates, estudos dirigidos e trabalhos em grupo, as quais aprenderam em suas formações.

Ao final a pesquisa revelou que tem uma influência da formação docente sobre o fracasso escolar, mas não dá para dizer que é uma influência direta, porém as professoras se reportam ao que aprenderam durante a sua formação acadêmica, mesmo que às vezes não consigam buscar tudo.

E outro elemento que a pesquisa revelou foi que o tempo de atuação profissional e a experiência em sala de aula, são muito importantes para ajudá-las a buscarem formas mais qualificadas para melhorar o processo de ensino - aprendizagem.

6. REFERÊNCIAS:

- ANDRÉ, M. E. D. A. **Estudo de Caso em Pesquisa e avaliação educacional**. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.
- ARAÚJO, U. F. Respeito e Autoridade na Escola. Em: GALLEGO, Andréa Bonetti. **Adolescência e moralidade: o processo que faz a diferença**. Porto Alegre: 2006, Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.
- AZEVEDO, F. V. M. **Causas e consequências da evasão escolar no ensino de jovens e adultos na escola municipal** “Expedito Alves“. Disponível em: HTTP://webserver.falnatal.com.br/revista_nova_v2/... Acesso em 10/06 2016.
- BOTTOMORE, T. **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.
- CAMPOS, N. A. S. A. O insucesso escolar: um estudo sobre as condições e concepções existentes nas instituições família/escola. Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual de Campinas, 1995.
- FRIGOTTO, G. *Educação e a crise do capitalismo real*. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 1996.
- GADOTTI, M. convite à leitura de Paulo Freire. São Paulo: Scipione, 1999.
- LÜDKE, M. e ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- NUNES, C. M. F. Saberes Docentes e Formação de Professores: um breve panorama da pesquisa brasileira. **Educação e Sociedade**, XXII, 2001.
- MENESES, J. D. **A problemática da evasão escolar e as dificuldades da escolarização**. Disponível em: HTTP://www.artigonal.com/ensino-superior-artigos/a-problemática_da_evasão_escolar...da-escolarização-2761092.html. Acesso em 08/06/2006.
- NAGEL, Lizia. **Avaliação, Sociedade e Escola: fundamentos para reflexão**. Curitiba: Secretaria de Estado da Educação do Paraná, 1989.
- PAIVA, O. A. F. **Contradições dos programas de transferência de renda no campo da educação: Suavizando efeitos da barbárie capitalista ou enfrentando a lógica deste mesmo sistema?** Coleção Políticas Públicas de Educação.
- PATTO, M. H. S. A Produção do Fracasso Escolar: histórias de submissão e rebeldia. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.
- PATTO, M. H. S. **Introdução à psicologia escolar**. São Paulo: Casa do Psicólogo 1997.
- PATTO, M. H. S. (1997). Para uma crítica da razão psicométrica. *Psicologia USP*,8(1), 47-62.
- PIMENTA, S.G. Formação de professores: identidade e saberes da docência. In: PIMENTA, S.G. (Org.) Saberes pedagógicos e atividade docente. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002. p.15-34.
- PIRES, S. R. de A. *Serviço Social* : função educativa e abordagem individual. 2003. 336 f . Tese (Doutorado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.
- QUEIROZ, L. D. **Um estudo sobre a evasão escolar: para se pensar na inclusão escolar**. Disponível em: www.anped.org.br/reuniões/25/lucileidedomingosqueirozt13. Acesso em 10/06/2016.
- SOARES, R. D. Educação, reprodução e luta ideológica. Max, Lenin, Gramsci e a escola. In Boito Jr. A; Toledo, C. N. (Org.). **Marxismo e ciências humanas**. São Paulo: Xamã, 2003, p. 331-327, 2001.
- TARDIF, M. Saberes Docentes e Formação Profissional. 3. Ed. Trad. Francisco Pereira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: A pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo. Atlas, 1987.

TONET, I. **Educação, cidadania e emancipação humana.** Ijuí: Unijuí, 2005.

VEIGA, I. P. A. **Técnica de ensino: novos tempos, novas configurações.** Papyrus Editora, 2006.

VEIGA, I. P. A. O Seminário como técnica de ensino socializado. In: Veiga, I. P. A.(org). **Técnica de ensino: Por que não?** Papyrus. 2000.

YIN, R.K. **Estudo de caso: planejamento e métodos.** 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005. 212 p.

ANEXOS:

Anexo 1:

PERFIL DO ALUNO

Idade: _____ Sexo: () Masculino () Feminino

- Desde quando você estuda nesta escola?

- A escola fica próxima a sua casa?
() Sim () Não

- Como você vem para a escola?
() a pé () ônibus () bicicleta () carro () outros

- Qual aula você mais gosta? Qual você menos gosta?

- Você gosta das aulas e dos conteúdos de ciências?
() sim () as vezes () Não

- O que você mais gosta na aula de ciências?

- O que você menos gosta nas aulas de ciência?

- Você considera importante estudar os conteúdos de Ciências? Por Quê?

- Você conta com ajuda em casa para realizar as atividades escolares? () sempre () as vezes () nunca
- Você gosta de trabalhar em grupo com seus colegas?
() sim () não

- Você utiliza o que aprendeu na escola em sua vida cotidiana?
() sempre () as vezes () nunca
- Você estuda apenas o que é trabalhado em sala ou faz alguma pesquisa além?
() sempre () as vezes () nunca
- Você tem internet em casa?
() sim () não
- Em seus estudos o que você mais utiliza para pesquisar?
() livros () internet () outros
- Você gosta das aulas no laboratório de ciências?

- Qual seria a sua sugestão para melhorar as aulas de ciências em sua escola?

- O que você modificaria em sua escola?

Anexo 2:

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Idade:

() 20 a 30 anos () 30 a 40 anos () 40 a 50 anos () 50 anos a cima.

Sexo: () Masculino () Feminino

Tempo de atuação profissional:

() 1 a 5 anos () 6 e 15 anos () Mais de 15 anos

- Escolaridade (habilitação, graduação, pós graduação)
- Tempo de atuação na escola?
- Local de moradia?
- Situação funcional (concursado, contrato temporário)?
- Sempre pensou em ser professor (a)?
- O que é a sala de aula para você? O que ela representa no processo formativo?

- Condições de trabalho, satisfação e perspectivas futuras?
- Como você vê seus alunos?
- Você considera que a relação entre professor e aluno influencia no desempenho dos estudantes?
- Quais os fatores você avalia que contribuem para a aprendizagem do aluno?
- Você avalia que a metodologia utilizada pode interferir na aprendizagem ou não dos conteúdos trabalhados em sala?

- Você realiza atividades em grupo? Com que frequência?

- Na sua formação acadêmica você teve oportunidade de trabalhar com diferentes metodologias pedagógicas? Se sim, quais as que mais marcaram a sua formação?

- Como você organiza as suas aulas? A forma como você organiza suas aulas é semelhante ao que você experimentou como estudante? Por quê?

- Metodologias utilizadas? Aulas expositivas, recursos alternativos?

- Uso de recursos didáticos?

- Você consegue aplicar em suas aulas o que aprendeu na sua graduação?

- Usa o laboratório de ciências? A estrutura do laboratório atende as necessidades da sua disciplina? Você considera significativo o uso do laboratório? Com que frequência você usa o laboratório?
- Além da sala de aula e do laboratório são utilizados outros espaços na escola e fora dela para o ensino de ciências?
- Quais as maiores dificuldades de ser um professor de ciências na escola em que você trabalha?
- Os alunos se interessam em conhecer mais os temas discutidos em sala de aula? Eles buscam aprender mais sobre esses temas usando outros meios a não ser o livro didático